

Zé Alberto

Járvis Campos¹

Aqueles que fizeram ao longo da vida a opção pela carreira acadêmica sabem, como eu, que somos desafiados a todo momento. Não se trata apenas de ser avaliado por seleções, disciplinas, apresentações, qualificações, defesas e concursos, ou, numa etapa mais adiante, os desafios da docência, das submissões a projetos de pesquisa e extensão e a editais. Trata-se de sermos sempre testados ao ponto de estarmos em constante confronto com nossos verdadeiros limites, e não apenas em relação à dimensão intelectual e cognitiva, mas ao quão dispostos estamos de sacrificar nossas vidas em prol da busca (incessante) pela excelência no desenvolvimento do conhecimento científico. E diante a tantos desafios, aprendi com nosso grande mestre que, nessa busca em superar nossos próprios limites, não podemos perder de vista o mais importante: o aspecto humano. Este aprendizado e um forte sentimento de saudade e de gratidão foram os sentimentos que se manifestaram em mim ao receber este convite, de redigir uma homenagem ao tão querido professor e mestre José Alberto Magno de Carvalho, nosso “Zé”.

Tais sentimentos decorrem da grandeza e da dimensão que o mestre José Alberto representa não apenas em minha vida, mas também para inúmeras gerações de estudantes e pesquisadores, o que faz deste convite honroso de homenageá-lo um grande desafio e uma enorme responsabilidade. Desafio este longe de ser trivial, pois, se a direção tomada fosse a de realizar uma síntese de sua biografia, eu certamente não teria o sentimento de “dever cumprido”, uma vez que a trajetória do professor José Alberto se confunde com a própria existência do Cedeplar e da demografia brasileira; e a riqueza dessa história transcende aos títulos e ao brilhante legado acadêmico deixado por ele, podendo ser contada com a devida justiça somente por quem a viveu, justamente por cada etapa ter sido marcada por laços de generosidade, simplicidade e uma enorme disposição em ajudar ao próximo.

Portanto, para além da importância internacional do professor José Alberto e de inúmeros feitos memoráveis – como o primeiro brasileiro a se doutorar em demografia (na London School), cofundador da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep), único brasileiro a ser presidente da International Union for the Scientific Study of Population (IUSSP), cofundador do Cedeplar, professor emérito da UFMG, dentre tantas outras distinções – pautarei minha homenagem no aspecto humano. Especificamente a partir de algumas de minhas experiências vivenciadas com o Zé, sem com isso incorrer em egoísmo frente às inúmeras gerações de alunos que desfrutaram deste privilégio. Pelo contrário, é porque entendo que não há uma forma melhor de expressar seu legado do que relatando casos do convívio diário, o entusiasmo do Zé para com seus alunos; dedicação que resultava comumente numa sintonia fina, expressa por meio da reciprocidade entre o mestre e cada um de seus aprendizes.

Em primeiro, as portas da sala do Zé sempre estiveram abertas e sempre com um sorriso sincero e acolhedor (quanta saudade!). Tamanha preocupação com a questão humana

¹ Professor do Departamento de Demografia e Ciências Atuariais e do Programa de Pós-Graduação em Demografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

e solidariedade do professor José Alberto talvez possa ser confundida, eventualmente (por um leitor mais distante), com algum tipo de complacência no que diz respeito à formação dos alunos. Isso seria uma profunda injustiça, pois trata-se justamente do contrário: o que torna o legado do professor José Alberto tão especial era justamente sua capacidade de ser humano sem perder de vista (na verdade, sem abrir mão) de um extremo rigor científico e profundo compromisso com a formação sólida de todos os alunos, aprendizes em demografia.

A excelência dos estudos e pesquisas desenvolvidos pelo professor José Alberto representaram, ao longo de sua trajetória, marcos fundamentais no desenvolvimento da demografia brasileira. No tema da fecundidade, José Alberto foi precursor em perceber e identificar o início da redução dos níveis de fecundidade no país, ainda na metade do século XX. Tive o privilégio de trabalhar de maneira muito próxima com o Zé em diversas pesquisas desenvolvidas no Cedeplar, nas áreas de projeções e de migração. O convívio era muito especial, pois, ao mesmo tempo em que eu sabia que estava interagindo com aquele que contribuiu enormemente para a construção da história da ciência demográfica no país, seu entusiasmo e sua paixão pela busca do conhecimento e, principalmente, sua simplicidade tornavam estes momentos únicos. E o mais impressionante: não houve um único encontro – que não eram reuniões formais, mas sim conversas sempre muito agradáveis – que o Zé não tenha criado métodos ou formas de estimar fenômenos demográficos, os mais diversos.

Ao desenvolver com o Zé um estudo para o UNFPA, sobre o padrão das migrações internas e internacionais a partir do primeiro censo demográfico realizado no Afeganistão, sugeri a ideia de trabalharmos com os efeitos indiretos dos migrantes retornados, que outrora saíram (em grande parte rumo ao Paquistão), em decorrência da ocupação do regime talibã naquele país. O professor ficou muito feliz com minha sugestão, pois os refugiados retornavam com suas esposas e filhos, e o impacto da migração precisa, de fato, ser medido para além do efeito direto. E naquele momento, após horas de conversa, o Zé ampliou a metodologia dos efeitos indiretos de maneira brilhante, e diga-se: a metodologia que ele próprio ajudara a criar em anos anteriores. E a cada encontro a mágica se repetia. Num café, após o almoço, definimos que seria interessante produzir um *paper* (hoje publicado na *Rebep*) que estimasse o saldo migratório internacional no país, a partir do quesito de emigração internacional, disponível no Censo 2010. Eu via, ali, a história sendo novamente contada: na década de 1980, o Zé desenvolveu métodos de estimação indireta e foi o primeiro demógrafo a sugerir que o país apresentava perdas nos saldos migratórios, algo até então impensável para a época. Durante aquele café, o Zé criou um método para ampliar a captação dos imigrantes internacionais que, uma vez chegados ao país tenham realizado outro movimento migratório (neste caso um movimento interno, sendo, portanto, remigrantes). Claro que os saldos na década de 2000 eram muito pequenos em face do tamanho da população brasileira, mas aquele método de estimação (simples e brilhante) foi responsável pela inversão do saldo migratório internacional na segunda metade dos anos 2000. E a ideia, como sempre, surgiu com a leveza de um artista, cuja inspiração não podia ser explicada. Mas não era este o objetivo: bastava a nós, aprendizes, desfrutar desses momentos tão especiais e que marcaram as nossas vidas, não apenas na formação enquanto demógrafos, mas também como seres humanos!

Meu sentimento neste momento é o de não parar de contar tantas outras ocasiões como essas. Mas concluo com a alegria da certeza de que continuaremos – todos nós, gerações de demógrafos – a contar para as gerações futuras essas lindas histórias e momentos tão especiais que marcaram nossas vidas. Na última vez que conversei com o Zé, por telefone, pude dizer, sem saber que aquela seria uma despedida, que ele morava em meu coração e que eu não estaria onde estou se não fosse por ele... onde você estiver, querido Zé, eu envio um forte abraço do tamanho do seu coração!